

Seixas Dória e o Golpe Militar de 1964

Charles Pires Neves
Márcia Alves de Carvalho Machado
Graduados em História/UVA/Pólo Aracaju
charles_neves@uol.com.br
mac_machado@hotmail.com

Resumo: O Golpe Militar de 1964 ficou marcado na história do país bem como na história de vida de muitos parlamentares que se viram envolvidos no processo e tiveram suas carreiras políticas e a vida pessoal influenciadas pelo mesmo. Este artigo busca relatar os fatos que ocorreram com Seixas Dória, na época governador de Sergipe, levando em conta especialmente seus próprios relatos.

Palavras-chave: Golpe, política, direitos e prisão.

O “Golpe de 1964” marcou definitivamente a trajetória política do país e instaurou o regime militar por 21 anos (1964-1985) consecutivos no poder nacional. “Milhares de pessoas foram atingidas em seus direitos: parlamentares tiveram seus mandatos cassados, cidadãos tiveram seus direitos políticos suspensos e funcionários públicos civis e militares fora demitidos ou aposentados” (CPDOC, 2007).

Entre esses parlamentares estava João de Seixas Dória, na época governador do Estado de Sergipe. Nascido em Própria, Sergipe, iniciou seus estudos em Aracaju, depois estudou na Bahia e se formou em advocacia no Rio de Janeiro. Seixas Dória ocupou vários cargos na esfera pública, mas foi como membro e líder da UDN (União Democrática Nacional), além da sua ligação com o governo de Jânio Quadros, que após vários mandatos como deputado estadual e posteriormente federal, sendo até mesmo cogitado para vice-presidente nas eleições de 1960, que consolidou sua atuação política (Figura 1).



Figura 1 - De colarinho aberto, gravata solta, Seixas Dória acompanha Leandro Maciel e Jânio Quadros. Fonte: http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=27560&titulo=Luis_Antonio_Barreto "Pesquise - Pesquisa de Sergipe / InfoNet"

Em 1962 Seixas Dória, sem o apoio da UDN, assume o governo de Sergipe, pela coligação dos partidos PSD, PR (Partido Republicano), PTB e Partido Socialista como descreve o artigo de Nascimento: “montado em uma plataforma nacional-reformista, a vitória de Seixas Dória foi, de certa forma, uma surpresa, valorizando vitórias como as obtidas em Pernambuco por Miguel Arraes e Francisco Julião nas mesmas eleições”. Sua campanha eleitoral pelo governo não havia sido prejudicada pela renúncia de Jânio

Quadros à presidência, e ainda conseguiu derrotar o opositor Leandro Maciel representante da elite, com quase 15% a mais de votos.

Para entender o que se passou com Seixas Dória durante o golpe de 1964 é preciso conhecer o contexto político em que o Brasil se encontrava. Em agosto de 1961, em meio a várias acusações elaboradas por Carlos Lacerda – UDN, até de o presidente planejar um golpe de estado, Jânio Quadros renuncia. Houve a especulação que o mesmo não esperava que a carta assinada como documento oficial de sua renúncia fosse entregue ao Congresso. Mas a sua carta foi lida e aceita de maneira imediata pelo Congresso. O vice-presidente estava em viagem pela China, assim, o Presidente da Câmara Ranieri Mazili, assume o poder provisoriamente. João Goulart assume a presidência somente no mês seguinte, através de uma emenda constitucional que limitava seus poderes como presidente e dificultava sua administração, sob o regime do parlamentarismo. O novo regime foi a solução para o impasse criado pelos que se opunham ao seu governo, como UDN e conservadores militares e civis, e os que eram favoráveis por sua permanência com o cumprimento constitucional.

Goulart nomeia Tancredo Neves como primeiro ministro e define objetivos específicos a serem alcançados: “realizar um projeto político que respondesse às demandas sociais e restaurar os plenos poderes do presidencialismo” (DANTAS, 2004, p.140).

A maior parte da população não acreditava na eficiência do regime parlamentarista, as crises tornaram-se permanentes, o Congresso necessitava do aval do povo para manutenção do regime e em 1963 ocorreu o plebiscito que restituiu o presidencialismo.

Paralelo ao quadro nacional, em Sergipe as coisas não estavam diferentes. Seixas Dória apesar de oriundo dos quadros da UDN assumiu o Governo Estadual como opositorista. Já que a UDN indicou como candidato ao Governo o ex-governador Leandro Maciel. Assim, Dória para ser candidato a governador, saiu dos quadros da UDN e aliou-se ao PR, levando uma parcela de udenistas. Junto ao PR, os partidos opositoristas históricos, PSD, PSB, complementando com o PRT, PTR e PDC.

O país vivia uma grave crise, pois o governo federal:

“Diante das pressões de vários grupos sociais, a economia passou a apresentar problemas que exigiam medidas corretivas, inclusive contenção de gastos. Mas as tendências populistas não admitiam sacrifícios sociais (...). A politização exacerbou-se e as propostas de mudanças se radicalizaram, questionando a propriedade privada dos meios de produção, apontando para o socialismo (...) o governo foi perdendo a luta político-ideológica e o projeto nacional-popular foi atropelado por uma coalização civil militar que interveio, levando ao seu termo o domínio populista, interrompendo o processo democrático” (DANTAS, 2004 p.171).

A partir da eclosão do golpe militar, em 31/03/1964, o país passou inicialmente a ser governado pelas forças armadas – Exército, Marinha e Aeronáutica.

Nesse dia, o Governador sergipano encontrava-se no Rio de Janeiro, onde tinha agendado uma reunião com o Presidente da PETROBRÁS, Marechal Osvaldo Alves. O próprio Marechal informou a Seixas Dória que a reunião estava cancelada, pois ele teve conhecimento que a Polícia Militar de Minas Gerais invadiu a sede da empresa na capital mineira, sem que houvesse reação de tropas federais.

Tomando conhecimento do acontecimento em Minas, Dória telefonou para o governador mineiro, Magalhães Pinto, que confirmou o ocorrido, informando que as tropas federais sediadas em Minas tinham ocupado pontos estratégicos, inclusive com o apoio dele. Pela tarde as informações eram confusas. No final da noite, Dória resolveu ir se encontrar com o Presidente, quando lhe foi relatado por Jango que o mesmo não iria adotar qualquer atitude para não ferir a sua autoridade. Tendo o mesmo lhe sugerindo retornar para o Nordeste e que juntamente com outros governadores apelassem para o entendimento e que sobre esse apelo ele já contava com o apoio de Lomanto Júnior (BA), Aluizio Alves (RN), Virgílio Távora (CE), Petrônio Portela (PI) e Miguel Arraes (PE).

No dia seguinte, antes de chegar a Sergipe, foi conversar com o Governador da Bahia, Lomanto Júnior, onde lhe foi mostrado um manifesto elaborado quando o mesmo teve conhecimento da posição dos comandantes do IV Exército e da 6ª Região Militar.

Retornando a Aracaju e reassumindo o poder estadual, manteve contato com o chefe do 28º. Batalhão de Caçadores (BC), aonde o informou que faria um pronunciamento pelo rádio, favorável a defesa dos mandatos eletivos e do prosseguimento na luta em prol de reformas de bases. Esse pronunciamento foi lido por volta das 22 horas e transmitido pela Rádio Difusora de Sergipe, Figura 2, manifesto na íntegra lido em 1º. de abril de 1964.

que assomavam ao Poder, porque também nunca soube louvaminhar ou turibular os poderosos.

Eis o texto de minha mensagem ao povo de Sergipe naquele dia:

“SERGIPANOS:

O Governo do Estado de Sergipe, fiel aos seus princípios, à sua linha de conduta, à sua vocação popular e ao seu passado, a todos os seus pronunciamentos feitos em tôdas as tribunas de tôdas as praças públicas dêste País, afirma e reafirma, nesta hora grave e difícil da nacionalidade, seu inquebrantável e intransigente propósito de defender a legalidade e as instituições democráticas, bem como o de lutar pelo respeito e resguardo de todos os mandatos populares, sem exceção de nenhum dêles.

Esta é uma hora, sergipanos, de atitudes claras, definidas e definitivas. E é assim pensando que, com a serenidade que a conjuntura exige, mas com a firmeza e o vigor que a minha dignidade impõe, declaro ao povo com a maior lealdade que jamais abdicarei dos princípios que sempre nortearam a minha vida de homem público de passado reto e ilibado. Permanecerei, outrossim, firme e decidido na luta em favor das reformas estruturais, democráticas e cristãs, que incorporem ao organismo social vivo da nacionalidade as populações marginalizadas pela vigência de uma ordem anacrônica e semifeudal.

Estas as palavras tranqüilas que teria a dizer aos sergipanos, no momento em que regresso para reassumir o Governo, recomendando a todos a maior serenidade e equilíbrio, e que evitem tudo que possa trazer maiores prejuízos e sofrimentos para as massas populares tão injustiçadas e sofridas.

Que Deus nos guie neste momento difícil da história da nossa Pátria!

JOÃO DE SEIXAS DÓRIA
Governador de Sergipe”

Figuras 2 e 3: Manifesto aos sergipanos (DÓRIA, 1964, p.51 e 52)

Na madrugada do dia 02/04, os ocupantes do palácio do governo estadual, foram acordados ao som de tiro e da entrada de soldados e oficiais do 28º BC, tendo o seu comandante dado à voz de prisão para Dória e o levado imediatamente para o quartel do 19º BC, em Salvador (BA), onde permaneceu até o dia 12/04, quando foi transferido para a ilha de Fernando de Noronha, onde ficou por 117 dias ao lado de Miguel Arraes, à época Governador de Pernambuco.

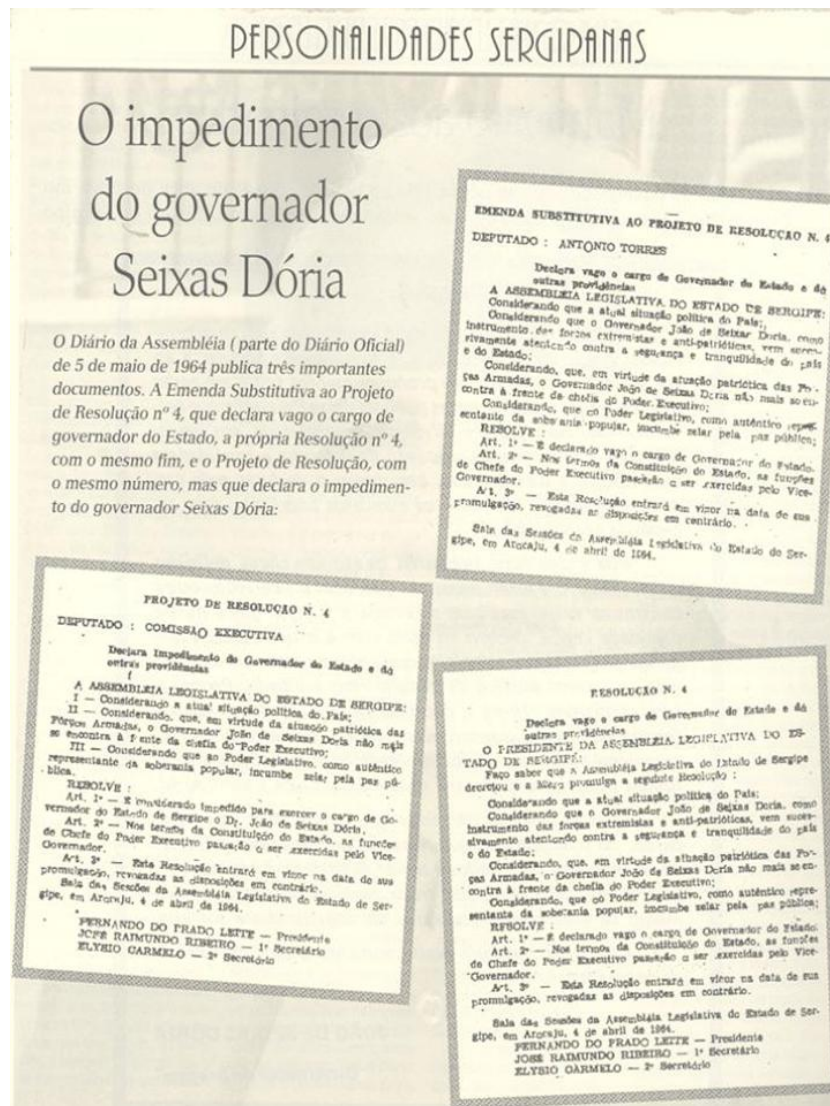


Figura 4: Diário da Assembléia de 05 de maio de 1964 (BARRETO, 2007, p.148)

O comando militar em Sergipe era subordinado a Região Militar com sede na Bahia, assim, muitas das prisões ocorridas em nosso estado foram efetuadas sem que ao menos soubessem com certeza, quem emitia as ordens de detenção.

Na prisão, Seixas Dória tende a se perguntar o real motivo pelo qual estava preso, já que seu governo, segundo ele mesmo, foi marcado pela lisura no trato com a coisa pública; também não tinha participação na organização da classe camponesa do estado; invasão de propriedades quase não existia em Sergipe; e que as próprias classes conservadoras do estado em um jantar dias antes de sua prisão, ressaltou na pessoa do Presidente da Federação das Indústrias de Sergipe, achando seu governo tímido no campo das reformas, completando tudo isso ele não teve o apoio dos comunistas sergipanos em sua campanha ao governo estadual.

Durante o período em que esteve preso Dória prestou três depoimentos, inclusive acreditava que poderia em algum deles entender o porquê de sua prisão, e que pelo fato de nada ter feito de errado seria libertado a qualquer momento.

O primeiro depoimento ocorreu em Fernando Noronha, e foi prestado ao Coronel Hélio Ibiapina Lima, conhecido por sua dureza, e membro da comissão de Inquéritos-Policiais Militares (IPMs). No interrogatório foi questionado sobre sua vida pública, além de perguntas irrelevantes que justificasse a situação em que se encontrava. Após este depoimento chegou a acreditar que iria ser libertado por entender não haver acusações contra ele.

O segundo inquérito, em agosto no Recife, quando de sua prisão por oito dias naquela cidade, foram feitas duas perguntas, uma das quais se Dória havia participado de um Congresso dos Ferroviários em Recife, onde foi entoado o hino da III Internacional, cujo congresso tivera a participação de uma delegação chinesa. No que declarou que só compareceu ao encerramento do mesmo.

O terceiro interrogatório ocorreu em Salvador, quando de sua transferência de Fernando de Noronha como forma de burla da decisão de soltura, mantido preso naquela cidade sob novas acusações. Os questionamentos nesse interrogatório foram relativos ao motivo de Dória não ter expulsado os invasores da Rede Ferroviária Federal na cidade de Itabaianinha, tendo o mesmo alegado que foram adotados os mesmos procedimentos de Otávio Mangabeira e do ex-governador sergipano Leandro Maciel, em semelhante situação.

Com relação à decisão de soltura acima mencionada, emitida pelo Egrégio Superior Tribunal Militar, no dia 12 de agosto, Dória relata:

“Alguns oficiais de guarnição da ilha, revoltados com a farsa que se preparava, numa verdadeira chicana a justiça revelaram-me o que iria acontecer, isto é, que eu seria solto, simbolicamente, na ilha e depois, em avião da FAB, seria enviado a Salvador, onde responderia a novo inquérito, já àquela altura sendo manipulado a toda velocidade pelas autoridades da 6ª. Região Militar” (DÓRIA, 1964, p.94).

A situação de Seixas Dória comoveu a imprensa e o parlamento, que passou a pedir a libertação do mesmo. Ao final de 1964 Dória deixa Fernando de Noronha indo para o Rio de Janeiro juntamente com outras personalidades e posteriormente para Belo Horizonte com fim específico de lançar seu livro, escrito na prisão, *Eu réu, sem crime*, onde narra todos os acontecimentos de sua prisão.

Teve seus direitos políticos cassados por 10 anos. Retornou a política após a redemocratização do país, nos quadros do MDB (Movimento Democrático Brasileiro), aonde chegou a ser deputado federal. Participou ainda do governo de José Sarney onde ocupou cargo no segundo escalão.

Bibliografia

BARRETO, LUIZ ANTÔNIO. **Personalidades sergipanas**. Aracaju: Typografia, 2007.

BARRETO, LUIZ ANTÔNIO. **Seixas Dória**. Disponível em http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=27560&titulo=Luis_Antonio_Barreto. Acesso: 03.01.2008.

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). **Fatos e Imagem. Golpe64**. Disponível em http://www.cpdoc.fgv.br/nav_fatos_imagens/htm/fatos/Golpe64.htm. Acesso em 20.12.2007.

DANTAS, IBARÊ. **A tutela militar em Sergipe 1964-1984**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

DANTAS, IBARÊ. **História Política de Sergipe: República (1889-2000)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

DÓRIA, Seixas. *Eu, réu sem crime*. Rio de Janeiro: Equador, 1964.

NASCIMENTO, JORGE CARVALHO. **Educação é História - de Luiz Garcia a Seixa Dória**. Disponível em http://jorge.carvalho.zip.net/arch2007-03-04_2007-03-10.html. Acesso em 05.12.2007.